



Cama, Mesa e Crime

Vídeo documentário sobre violência doméstica contra a mulher¹

Cristiane Machado Módolo e Ricardo Alexandre Borghi Sanches²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Resumo

A violência doméstica contra a mulher transforma a vida dela em um pesadelo, o companheiro em inimigo e a casa, um ambiente de medo. ‘Cama, mesa e crime’ tem o intuito de esclarecer as dúvidas mais comuns sobre as agressões físicas e morais contra a mulher: o que leva o homem a praticar a violência? Por que a mulher suporta tanta brutalidade? É possível acabar com o sofrimento? Um vídeo documentário com duração aproximada de 20 minutos que trata com seriedade jornalística as mulheres que sofrem com uma guerra dentro da própria casa. Os objetivos principais são caracterizar essa violência, apresentando um perfil da vítima, do agressor e do acontecimento, e informar e sensibilizar o público sobre essa problemática, apontando as faces dos atos violentos, as consequências físicas e psicológicas das agressões e os possíveis caminhos para acabar com o sofrimento.

Palavras-chave

Vídeo documentário; violência; violência doméstica; mulher.

Corpo do trabalho

A mulher, ao longo de sua existência, vem sendo subjugada no que se refere aos seus pensamentos e interesses; passou séculos obrigada a manter um comportamento que feria a sua liberdade como pessoa, quase sempre submetida às regras impostas por uma autoridade machista, preconceituosa.

A partir da década de sessenta, no Brasil, observa-se uma vitória alcançada pelas mulheres nos campos social, político, econômico e intelectual. A luta pelos direitos de cidadã e de pessoa humana deixa de ocupar as ruas, por meio dos movimentos sociais; e passa a ser mais freqüente dentro de suas próprias casas. A batalha é contra um inimigo

¹ Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

² Cristiane Machado Módolo – Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação; integrante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma Faculdade. E-mail: crismodolo@terra.com.br
Ricardo Alexandre Borghi Sanches – Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.



mais poderoso: o homem com quem elas mantêm uma vida afetiva ou conjugal. O marido, o companheiro ou o namorado, que deveria compartilhar das vitórias femininas, parece ter ficado preso nos séculos passados, quando fazia impor suas vontades sem ser contestado. Hoje, diante da queda de seu império, o homem vê-se obrigado a tentar formas alternativas para poder reinar, pelo menos, no interior de casa. Para isso, utiliza a força física e a ameaça contra a própria mulher.

A instalação, em 1985, da primeira Delegacia de Defesa da Mulher do Brasil contribuiu para que o problema da violência doméstica contra a mulher deixasse as fronteiras do lar e se tornasse público. Campanhas para incentivar as mulheres a denunciar o companheiro agressor e acabar com a violência foram feitas, mas os maus-tratos ainda continuam.

Informações como estas motivaram a realização deste vídeo documentário jornalístico, que pretende entender as razões e as conseqüências da violência doméstica contra a mulher. Para isso, há apresentação de um panorama das questões desenvolvidas por pesquisadores, acadêmicos e especialistas no tema, além de dados obtidos por meio de uma pesquisa quantitativa realizada pelos autores, que revela dados sobre a violência denunciada na Delegacia de Defesa da Mulher de Bauru.

Pesquisar o tema da violência doméstica significou entrar na instituição da família, onde as normas que regem as relações interpessoais não são as mesmas que orientam as outras instituições sociais. Os laços que unem a mulher ao opressor não são os mesmos daqueles que ligam outros opressores e oprimidos. Há as questões de afetividade, do mundo dos sonhos, do ideal de felicidade personificados pela mulher na figura do homem. Dessa forma, os atos violentos do companheiro contra ela são difíceis de ser relatados, acabando por se tornarem banalizados e considerados normais pela mulher. O processo histórico de socialização, calcado na diferença de representação social dos sexos, impõe a ela o ideal de submissão em relação ao homem. Por isso, não é fácil romper a situação de violência que ocorre entre quatro paredes, mesmo sabendo que isso é necessário.

A realização do vídeo documentário têm, pelo menos, três preocupações: informar o telespectador, tornar público um problema considerado “invisível” pela sociedade e mostrar à telespectadora vítima de violência doméstica que é preciso encontrar caminhos para acabar com a violência e com o sofrimento por ela provocado. A utilização de depoimentos de especialistas na questão e de mulheres que já passaram pelo drama da violência doméstica contribuem para que estas metas sejam alcançadas.



Um dos objetivos principais deste trabalho é ser um produto sério, informativo e que atinja uma das funções do jornalismo: contribuir com a evolução da sociedade.

A seguir, há a apresentação do *script* resumido do vídeo documentário. O vídeo é dividido em três blocos. Há a transcrição das falas em *off* e das apresentações realizadas em estúdio. Com relação aos depoimentos concedidos por mulheres agredidas, especialistas e outros entrevistados, eles são apresentados somente por meio das frases iniciais e finais e estão entre aspas. Na sequência do depoimento, há o nome do entrevistado e sua profissão.

Primeiro bloco

Romantismo, amor e paixão alimentam o desejo de formar uma vida a dois, uma família. Só na cidade de Bauru, no interior do Estado de São Paulo, os cartórios registram uma média de setecentos e setenta casamentos por ano. Isso sem contar o número de namoros e de casais que decidem morar juntos.

Mas o sonho de uma vida feliz ao lado de quem se ama pode se transformar em desilusão, medo, violência. O pesadelo das agressões físicas e morais contra a mulher interrompe a construção do tão sonhado “lar, doce lar”.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as mulheres representam sessenta e três por cento das vítimas de violência doméstica.

O agressor dorme na mesma cama, pode ser o marido ou o companheiro, o pai dos filhos da vítima.

O que leva o homem a espancar a própria mulher, ameaçá-la e abusar sexualmente dela? Quais são as consequências de tanta agressividade? É possível acabar com o sofrimento?

A violência doméstica contra a mulher é o tema do documentário *Cama, Mesa e Crime*.

“O jeito de ele me bater era apertar o pescoço, tentar me enforcar (...) vergonha na cara.” (Maria de Lourdes, dona de casa)

A rotina durante os trinta e quatro anos do casamento de Maria de Lourdes foi apanhar do marido. Logo no início da união, as agressões eram constantes. Foi quando a vida dela começou a se estilhaçar.

“Começou mais porque ele não queria trabalhar (...) ia falar ele me batia.” (Maria de Lourdes)

Maria de Lourdes é uma entre as tantas mulheres vítimas da violência doméstica. Cada uma delas tem uma história diferente. No fundo, o sofrimento é o mesmo.



“Um dia ele me deu uma correntada (...) saía sangue, muito sangue.” (Rosa, dona de casa)

“Ele me batia (...) bater em homem.” (Ana Paula, dona de casa)

“A semana passada (...) para não ir preso.” (Dulce dos Santos, diarista)

A chance de uma mulher ser agredida dentro de casa pelo seu companheiro é nove vezes maior do que a probabilidade dela sofrer algum tipo de violência causada por um estranho na rua. Um ambiente seguro e de bem-estar aos poucos se torna um labirinto de medo. A mulher não consegue encontrar a saída, mesmo com a chave da porta nas mãos. As grades não são mais sinônimos de proteção. Elas não impedem a brutalidade do agressor.

“Ah, porque a gente (...) passa medo, passa vergonha.” (Maria de Lourdes)

“Eu odiava a minha casa (...) não tinha segurança nenhuma ali dentro.” (Sandra de Oliveira, trabalhadora avulsa)

Uma camisa mal passada ou a recusa da relação sexual: tudo pode ser motivo para a violência do homem contra a mulher. Objetos de cama e mesa podem se tornar objetos de crime.

“Ele me bate por qualquer motivo (...) ele pega panela.” (Rosa)

“Ah, era só matar com faca (...) no chão de cimento.” (Maria de Lourdes)

Parece não haver limites quando o homem violento quer exercer o poder dele sobre a mulher.

“Ele me agride sexualmente (...) transa comigo à força.” (Rosa)

No espaço doméstico, estão em jogo homens e mulheres em suas relações privadas. Nele, ocorre o confronto da dominação masculina e da resistência feminina.

“Ele acha que eu sou propriedade dele.” (Sandra)

“Mas eu tenho marca (...) me socorria eu, ninguém.” (Dulce)

As agressões e os maus-tratos não prejudicam só a mulher. Os filhos são testemunhas e sofrem com o pesadelo de uma guerra dentro da própria casa.

“Ele bate em mim perto das crianças (...) assim, passando por isso.” (Rosa)

Simone, de nove anos, estava brincando em casa quando ouviu gritos. Ela foi até a sala e presenciou o próprio pai assassinando o irmão e a mãe dela. A menina teve de se esconder do pai para não ser morta.

“Ontem a minha mãe (...) esperei ele sair.” (Simone, estudante)

Além da angústia das agressões físicas e do sofrimento com os insultos morais, o medo de ser morta pelo companheiro deixa a mulher ainda mais apavorada.



“Eu tenho só medo dele me matar (...) minhas filhas crescerem.” (Rosa)

A mulher se sente acuada, sem ter para aonde ir ou a quem pedir ajuda. O desespero e a tristeza fazem desabar o mundo de sonhos dela. O ideal de uma vida feliz com o parceiro se torna cada vez mais distante.

“Eu achei que nós ia ser feliz (...) acreditei que nós ia ser feliz.” (Rosa)

Segundo bloco

Como reconhecer o homem que acaba com a felicidade da mulher? Ele pode estar em toda parte e não tem uma característica diferente do restante da população. Por isso, nem sempre é fácil identificar um marido agressor.

O que leva o homem a praticar a violência? O alcoolismo, o desemprego e a miséria são as únicas causas? E a mulher? Por que ela suporta a brutalidade do próprio companheiro?

Para os especialistas, a questão deve ser entendida como um fenômeno histórico e cultural. As agressões físicas e morais do homem contra a mulher ainda são encaradas com certa normalidade.

Marco, nome fictício, tinha quarenta anos quando assassinou a facadas a mulher com quem vivia há onze meses.

“Eu cheguei em casa (...) caída no chão.” (Marco)

Atos como o de Marco fazem aumentar os números da violência. Segundo a delegada Rejane, as razões dos assassinatos, agressões físicas e psicológicas contra a mulher devem ser vistas como um fator cultural.

“O Brasil realmente tem uma cultura machista (...) cometendo um crime.” (Rejane Ortiz, delegada da Delegacia de Defesa da Mulher de Bauru)

“Infelizmente, a violência (...) mete a colher, infelizmente.” (Sandra Lourenço, assistente social do Centro Integrado de Atendimento à Mulher de Bauru)

Para o homem violento, ser o chefe da família significa ter autoridade e poder em excesso. Quando a mulher e os filhos não obedecem às regras estabelecidas por ele, a violência funciona como um castigo.

O sentimento de afeto faz a vítima suportar calada a violência do parceiro. Movida pelo medo, pela esperança e dependência, ela acredita que, um dia, o homem vai parar de agredi-la.

“Só que eu tinha a esperança (...) parar de me bater.” (Rosa)

“Eu só sentia vontade (...) fui levando os anos.” (Maria de Lourdes)



“Porque ela está com o foco no agressor (...) outro futuro pra ela.” (Rosane Segifredo, psicóloga do Centro Integrado de Atendimento à Mulher de Bauru)

Futuro difícil de ser alcançado, sobretudo para as mulheres que dependem do parceiro.

“A dependência econômica (...) a família sozinha.” (Rejane)

A violência contra a mulher não é privilégio da população pobre e nem ocorre somente nas classes sociais mais baixas. O desemprego e a miséria não são causas exclusivas da violência.

Em Bauru, setenta e sete por cento dos homens indiciados por agressões e ameaça estão empregados.

“Na realidade, o que ocorre (...) independente de classe social.” (Sandra)

O alcoolismo e as drogas são usados para justificar os atos violentos. Mas pode ser um erro apontá-los como os maiores causadores de maus-tratos.

“O alcoolismo tem uma certa (...) é uma questão cultural.” (Rejane)

“Ele é violento por natureza, agora quando bebe, piora.” (Maria de Lourdes)

E depois dos atos violentos, qual atitude a mulher deve tomar?

Há caminhos para superar o sofrimento e recuperar a auto-estima, abalada com tantas agressões. O primeiro passo é criar coragem e procurar ajuda. É necessário vencer o constrangimento e denunciar o homem nas Delegacias Especializadas de Defesa da Mulher.

Outra saída é procurar os serviços de amparo às vítimas de violência, espalhados por todo o Brasil.

Na cidade de Bauru, por exemplo, o Centro Integrado de Atendimento à Mulher oferece auxílio psicológico, jurídico e social às mulheres que sofrem com a guerra doméstica.

Terceiro bloco

Na entrada da Delegacia de Defesa da Mulher, o desabafo. As mãos inquietas revelam o nervosismo comum para todas as mulheres antes da denúncia. Rosa venceu o constrangimento e a dúvida. Veio até a DDM e espera para denunciar o marido agressor.

“Então, mesmo se não for (...) tomar uma atitude.” (Rosa)

A Delegacia de Defesa da Mulher foi criada há vinte anos. O objetivo é combater todas as formas de violência doméstica contra a mulher. Hoje são trezentas e quatro delegacias espalhadas por todo o país.

De janeiro a outubro, cento e quarenta e sete mil vítimas de violência doméstica prestaram queixa nas DDM's do Estado de São Paulo.



Em Bauru, no mesmo período, foram registradas três mil, trezentas e noventa ocorrências. Noventa por cento dos casos correspondem a crimes praticados por homens que dividem a intimidade com as vítimas.

“Então, a Delegacia de Defesa da Mulher (...) sentem mais à vontade.” (Rejane)

Em Bauru, o índice de ocorrência é maior no final de semana. A Delegacia da Mulher registra, entre sábado e domingo à noite, uma média de trinta e oito por cento dos casos de violência doméstica. A maioria das vítimas é amasiada com o agressor pelo menos por três anos.

Apesar do grande número de ocorrências registradas, muitas mulheres ainda resistem em denunciar o parceiro.

“É muito difícil (...) ela se sente constrangida.” (Rejane)

Rosa sabe da importância da denúncia. Ela veio prestar queixa contra o marido pela segunda vez, depois de dois anos de agressões.

“É importante prestar queixa (...) o homem virou uma seda.” (Rosa)

Depois de ser indiciado na Delegacia, o homem vai responder na justiça pelo crime cometido contra a mulher.

Maria de Lourdes já passou pela Delegacia. Agora, tem um só objetivo: reconstruir o amor-próprio, abalado por causa dos trinta e quatro anos de violência.

Por isso, procurou a ajuda do CIAM, Centro Integrado de Atendimento à Mulher de Bauru.

“Como ele sempre (...) eu já estava morta.” (Maria de Lourdes)

“É uma relação de parceria (...) e vem pro CIAM.” (Geni Destro, Coordenadora do CIAM de Bauru)

Aqui, ela encontrou a solidariedade de outras mulheres que viveram o mesmo drama.

“Sabendo que outras mulheres (...) mais forte.” (Maria de Lourdes)

No CIAM, as mulheres recebem assistência jurídica e social, além de atendimento psicológico. Em cinco anos de atividade, já foram atendidas três mil, setecentas e noventa vítimas de violência.

“Ela participando desses atendimentos (...) transformação pessoal dela.” (Rosane)

“E no CIAM a gente procura trabalhar (...) alterar esse quadro, esse cenário.” (Sandra)

As mulheres chegam à instituição fragilizadas, traumatizadas pelas agressões físicas e morais praticadas por quem elas amavam.

“Eu era uma mulher (...) vontade de fazer mais nada.” (Maria de Lourdes)



E saem com a auto-estima recuperada, dispostas a começar uma nova vida, longe da violência.

“E depois que eu comecei (...) separar eu tenho agora.” (Maria de Lourdes)

“É um resgate da auto-estima (...) qualidade de vida afetiva.” (Rosane)

“É com amor-próprio (...) supera.” (Lourdes Cardoso)

“É difícil (...) a gente consegue.” (Maria de Lourdes)